

MULHERES NA GUERRA DO PARAGUAI: ANÁLISE HISTÓRICA E LITERÁRIA DE UMA PARTICIPAÇÃO INVISIBILIZADA

WOMEN IN THE PARAGUAYAN WAR: A HISTORICAL AND LITERARY ANALYSIS OF AN INVISIBLE PARTICIPATION

Camila Alves Ávila
Keila Cristina Borges Trombela¹

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo elaborar um estudo sobre a Guerra do Paraguai (1864-1870), que envolveu Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai em suas disputas políticas e territoriais. A perspectiva difundida até os dias atuais, trouxe à tona o protagonismo masculino, que fora reforçado também pela historiografia vigente. Houve então a presença de mulheres no conflito, mas que não obteve o mesmo tratamento e preeminência que a dos homens. Sendo assim, mesmo com uma participação feminina significativa, ela foi omitida e, por meio de novas interpretações e do uso da literatura, busca-se elucidar esse lado que ainda permanece desmemoriado, mesmo com o avanço nos estudos da temática em si. O artigo será dividido em duas partes sendo a primeira parte voltada para uma revisão bibliográfica da historiografia acerca do tema, já na segunda parte será feita uma análise de fontes literárias que abordam a temática. Para analisar a presença feminina por meio da literatura, a principal fonte escolhida foi o livro *Cunhataí: um romance da Guerra do Paraguai* de Maria Filomena Bouissou Lepecki (2003), pois a narrativa em forma de romance aborda a vivência feminina dentro do lado brasileiro do conflito, suprimindo uma lacuna oriunda das fontes consideradas “oficiais” e/ou “tradicionais”.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai; Mulheres; Literatura.

Abstract:

The present article aims to develop a study on the Paraguayan War (1864–1870), which involved Argentina, Brazil, Uruguay, and Paraguay in their political and territorial disputes. The prevailing perspective disseminated up to the present day has emphasized male protagonism, a view reinforced by the dominant historiography. Although women were indeed present in the conflict, their participation did not receive the same treatment or prominence as that of men. Thus, despite significant female involvement, it was largely omitted. Through new interpretations and the use of literature, this study seeks to shed light on this dimension, which remains marginalized even with the advancement of scholarship on the subject. The article will be divided into two sections: the first will present a historiographical review of the theme, while the second will offer an analysis of literary sources addressing the topic. To examine women’s presence through literature, the primary source chosen was *Cunhataí: um romance da Guerra do Paraguai* by Maria Filomena Bouissou Lepecki (2003), since its narrative, structured as a novel, portrays female experiences on the Brazilian side of the conflict. In doing so, it fills a gap left by so-called “official” and/or “traditional” sources.

Keywords: Paraguayan War; Women; Literature.

¹ Graduandas no curso de História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – campus de Franca. Contato: c.avila@unesp.br / keila.trombela@unesp.br.

Introdução

A Guerra do Paraguai (1864-1870) foi um dos maiores e mais devastadores conflitos da América do Sul, envolvendo o Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Embora tenha sido amplamente analisada por seus aspectos militares e políticos, a participação feminina nesse contexto tem sido historicamente negligenciada. Durante décadas, a historiografia tradicional silenciou a respeito do papel crucial desempenhado pelas mulheres, relegando-as a uma posição marginal ou invisível. Estudos mais recentes, no entanto, começaram a resgatar essas figuras, reconhecendo-as como protagonistas importantes no desenrolar e nas consequências da guerra (Flores, 2010, p. 47).

Carlos Guilherme Mota (1995), em "História de um Silêncio: A Guerra contra o Paraguai (1864-1870) - 130 anos depois", discute, de forma crítica, a reconsideração forçosa do espaço-tempo e da construção de um Estado-Nação com suas bases fincadas nas forças armadas (Mota, 1995, p. 248). Para Mota (1995), o foco excessivo nas figuras militares masculinas criou um vazio interpretativo sobre as demais dimensões da guerra, o que resulta em uma narrativa incompleta e parcial.

Essa marginalização das mulheres nas narrativas sobre a Guerra do Paraguai reflete, em parte, uma visão tradicionalista exclusiva que permeia a historiografia, na qual o papel feminino é frequentemente limitado ao espaço doméstico. Como escreveu Flores (2010, p. 23):

[...] como em todas as guerras, a mulher é a parte fraca. O homem luta e tem reconhecimento público, recebe honrarias e retribuição pecuniária pelo seu patriotismo; para a mulher, mil desconfortos, inseguranças, medos, estupros, trabalhos pesados, fome, privações materiais e afetivas, e para as sobreviventes viúvas, a difícil tarefa da reconstrução, no pós-guerra, quando não mais conta com o braço forte do mantenedor - pai, marido ou filhos tombados.

Essa invisibilidade feminina na historiografia da Guerra do Paraguai também está ligada a uma abordagem que prioriza as dimensões políticas e diplomáticas, deixando de lado a análise das experiências cotidianas e das ações dessas atrizes sociais menos visíveis. O papel das mulheres, que muitas vezes assumiram responsabilidades no *front* doméstico, nas economias e logísticas de guerra e, em alguns casos, até no campo de batalha, permaneceu na obscuridade até recentemente, quando historiadoras, como Hilda Agnes Hübner Flores, começaram a retratar essas histórias.

A revisão historiográfica que busca resgatar o papel das mulheres na guerra não apenas expande a compreensão desse episódio histórico, mas também revela uma nova dimensão do conflito. Ao trazer à tona as contribuições das mulheres, tanto paraguaias quanto brasileiras, esses estudos demonstram que o impacto da guerra foi sentido muito além das trincheiras e das negociações diplomáticas, afetando diretamente a estrutura social e as dinâmicas de gênero.

O silêncio em torno da participação feminina na guerra é, na verdade, um reflexo de um silêncio maior, presente na sociedade brasileira do século XIX, sobre o lugar da mulher na vida pública. A ausência da figura feminina na obra de Mota (1995), assim como em importantes trabalhos reconhecidos pela historiografia, como "Maldita Guerra" de Francisco Doratioto (2002), evidencia uma lacuna e, até mesmo, um certo desinteresse historiográfico em explorar o papel das mulheres em um contexto mais abrangente de guerra.

Assim, essa abordagem visa permitir uma leitura mais complexa da Guerra do Paraguai, na qual as mulheres são reconhecidas como participantes ativas, cujas ações influenciaram os rumos do conflito e suas consequências sociais. Para além das narrativas militares e políticas, a guerra também deve ser entendida como um evento humano, no qual as histórias individuais, especialmente as das mulheres, desempenham um papel essencial na compreensão das transformações provocadas pelo confronto, tanto em um contexto de guerra, quanto no pós-guerra.

Avançando dentro deste contexto específico, tem que se ter em mente que os estudos históricos pela perspectiva e protagonismo veio aos poucos dentro da História, sendo uma pauta relativamente atual. Raquel Soihet (1998) afirma que essa abordagem surge em meados da década de 1970, momento em que “grandes transformações assinalavam a historiografia, os grandes temas em que os donos do poder ocupavam o cenário, cediam lugar a temáticas e grupos sociais até então excluídos do seu interesse” (Soihet, 1998, p. 77). Foi dentro dessa movimentação que a segunda onda do feminismo se pôs como um cenário no qual as mulheres se tornaram “objeto e sujeito da história” (Soihet, 1998, p. 77).

Autoras como Simone de Beauvoir (1908-1986) e Heleieth Saffioti (1934-2010), segundo Soihet (1998), pavimentaram as bases teóricas para as análises pela perspectiva de gênero; enquanto Joan Scott galgou os espaços oriundos da historicização do gênero. Diante do exposto:

[...] os estudos sobre gênero devem apontar para a necessidade da rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária ‘masculino versus feminino’ e a importância de sua historicização e ‘desconstrução’ nos termos de Jacques Derrida (Soihet, 1998, p. 79).

Outros nomes que contribuíram para a difusão dessa abordagem, de acordo com Soihet (1998), Michelle Perrot, Arlette Farge e Natalie Zemon Davis (1928-2023), pois todas essas pesquisadoras proeminentes (principalmente no que se refere a História), possibilitaram o reconhecimento da mulher enquanto indivíduo/agente histórico. Sendo assim, “definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação – que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída – é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irredutível, universal” (Soihet, 1998, p. 82). Portanto, a história das mulheres, bem como os estudos de gênero, surge com a possibilidade de resgatar a participação feminina nos acontecimentos/narrativas históricas, lançando um olhar que amplia a dita “história tradicional”, inclusive em eventos como a Guerra do Paraguai, aqui analisada.

Participação feminina na Guerra do Paraguai

A participação das mulheres na Guerra do Paraguai foi muito mais ampla, profunda e significativa do que a historiografia tradicional sugere. Hilda Agnes Hübner Flores (2010), em sua obra "Mulheres na Guerra do Paraguai", resgata essas histórias esquecidas, colocando em evidência o papel central que as mulheres desempenharam tanto nos campos de batalha quanto nas frentes internas, no Paraguai e no Brasil, fazendo um trabalho de iluminação referente às várias funções exercidas pelas mulheres tanto no Brasil, quanto no Paraguai.

O contexto de guerra, ao desestabilizar as estruturas tradicionais da sociedade, ofereceu às mulheres oportunidades e exigências de participação que ultrapassaram os limites impostos pela vida doméstica da época, tornando-se combatentes, voluntárias, enfermeiras, provedoras e símbolos de resistência. Neste sentido, Flores (2010, p. 07) reafirma a importância de estudar o papel da mulher, e, principalmente, "buscar sua presença no cotidiano e refletir sobre seu desempenho na guerra, reconstituindo-lhe a caminhada por entre mortos e feridos - realidade que a envolve por inteiro".

No Paraguai, as mulheres assumiram papéis fundamentais na resistência contra a invasão das forças da Tríplice Aliança. Com a grande mortandade da população masculina, especialmente na última fase do conflito, as mulheres se viram obrigadas a tomar as rédeas da defesa do país. Flores (2010) descreve que muitas delas vestiram fardas e pegaram em armas, lutando lado a lado com os homens, tanto como combatentes quanto como apoiadoras

logísticas. Suas contribuições incluíam funções de extrema importância para a manutenção do exército, como o fornecimento de mantimentos e cuidados médicos aos soldados feridos.

Essa participação em combates e no suporte das tropas revelou a força e a resiliência das mulheres paraguaias, desafiando as noções preconcebidas de seu papel social. A autora ainda destaca que as mulheres, privadas de seus homens, tomaram para si a responsabilidade de defesa da pátria, onde empunharam armas, cuidaram dos feridos e enfrentaram as tropas inimigas (Flores, 2010, p. 34).

No entanto, o envolvimento das mulheres paraguaias foi mais do que apenas uma questão de sobrevivência militar. As mulheres também lideraram esforços para manter a economia em funcionamento e preservar a estrutura social enquanto o país enfrentava a devastação. Durante os anos de guerra, elas cuidaram das plantações, garantiram o abastecimento de alimentos e organizaram redes de solidariedade. Flores (2010) sublinha que as mulheres mantinham o sustento das famílias e a produção agrícola, tarefas tradicionalmente masculinas, o que garantiu a continuidade da vida nas comunidades, apesar da devastação causada pela guerra.

Estudos como o de Thomas L. (2002) "*Whigham em The Paraguayan War: Causes and Early Conduct*" (2002) complementam o trabalho de Flores ao documentar o modo como as mulheres paraguaias se tornaram as principais responsáveis pelo sustento das famílias e pela organização das comunidades após a devastação da guerra. Esse papel transcendeu o conflito armado, já que elas continuaram a sustentar o Paraguai durante a prolongada ocupação pós-guerra.

Enquanto isso, no Brasil, o envolvimento feminino também se destacou, ainda que de forma distinta, pois esse centrou-se no apoio às tropas e nas atividades de retaguarda. A participação das mulheres brasileiras foi mais visível em atividades de apoio e mobilização social. Elas criaram associações beneficentes para angariar fundos e enviar suprimentos às tropas, muitas vezes sob a liderança de mulheres da elite.

As brasileiras organizaram redes de apoio que visavam mitigar os impactos do conflito em suas comunidades e prestar auxílio às famílias de soldados. Essas iniciativas, embora distantes do campo de batalha, foram fundamentais para a sustentação do esforço de guerra, revelando a importância das mulheres na retaguarda. Neste sentido, Flores (2010, p. 87) afirmou que, embora as mulheres brasileiras não estivessem diretamente envolvidas no combate, seu papel no apoio ao esforço de guerra foi igualmente vital, com destaque para as campanhas de solidariedade promovidas pelas elites urbanas.

Além disso, mulheres brasileiras, como algumas paraguaias, acompanharam os homens nas frentes de combate, seja como esposas de soldados ou como enfermeiras voluntárias. O trabalho de Júlio José Chiavenato (1987) em "Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai", por exemplo, discutiu brevemente como essas mulheres desempenharam um papel fundamental no suporte psicológico e moral das tropas. Ainda que muitas delas não lutassem diretamente, sua presença nos acampamentos militares e sua assistência aos feridos deram-lhes uma relevância crucial na logística militar, sendo agentes de cuidado e resistência.

Esses aspectos da participação feminina mostram que a guerra foi uma experiência vivida de maneira multifacetada pelas mulheres, que atuaram como combatentes, enfermeiras, provedoras e organizadoras. Elas moldaram, direta e indiretamente, os rumos do conflito e suas consequências, desafiando o silêncio imposto pela historiografia tradicional. A presença feminina, na guerra, é similar em diversos conflitos na América Latina, mas o conflito com o Paraguai guardou em si grande dinâmica de gênero, especialmente porque nesse contexto, a mortalidade masculina foi extremamente alta. O que transferiu as mulheres não só substituíram os homens nas tarefas domésticas e econômicas, mas também assumiram papéis de liderança em suas comunidades.

O impacto da guerra sobre as mulheres paraguaias foi devastador. Com a perda de uma grande parte da população masculina, as mulheres foram obrigadas a reconstruir suas vidas em um cenário de extrema carência. Flores (2010) descreve como o Paraguai pós-guerra foi, em grande parte, mantido por uma sociedade majoritariamente feminina, destacando que as mulheres assumiram o papel de provedoras e líderes em uma sociedade desprovida de homens. Elas reconstruíram o tecido social, assumindo funções econômicas e, em alguns casos, políticas (Flores, 2010, p. 102). Essa mudança, ainda que traumática, demonstrou a resiliência das mulheres e sua capacidade de adaptação em tempos de crise.

A riqueza de relatos sobre a participação feminina na guerra revela um panorama de coragem e sacrifício. Flores (2010) cita o exemplo de mulheres como Juana María de Lara, que lutou ao lado das tropas paraguaias, e de muitas outras que permaneceram anônimas, mas cujas histórias ainda ecoam. As cartas e memórias dessas mulheres oferecem um testemunho direto do papel que desempenharam no conflito. Uma dessas mulheres escreveu: "A guerra nos levou tudo, mas não tirou nossa coragem. Lutamos, sofremos, mas jamais abandonamos a nossa pátria" (Flores, 2010, p. 89).

A participação feminina na Guerra do Paraguai pode ser analisada também à luz das teorias de gênero, que nos permitem compreender como as guerras desafiam as construções

sociais de masculinidade e feminilidade. As mulheres paraguaias, ao assumir armas e combater, desafiaram as noções tradicionais de gênero da época. Joan Scott (1988, p. 47) argumenta que os conflitos militares oferecem momentos de crise nos quais as normas de gênero são desestabilizadas, permitindo que as mulheres assumam papéis tradicionalmente masculinos. Essa perspectiva ajuda a entender como a guerra modificou as relações de gênero no Paraguai e como, paradoxalmente, também reforçou essas normas ao relegar as mulheres a uma posição de subordinação no pós-guerra, mesmo após suas contribuições decisivas.

A memória da Guerra do Paraguai, no Paraguai e no Brasil, trata as mulheres de maneiras distintas. No Paraguai, elas foram transformadas em símbolos de resistência nacional, com monumentos e homenagens públicas que glorificam seu sacrifício. Já no Brasil, as mulheres que atuaram no conflito foram, em grande parte, esquecidas pela historiografia oficial. Flores (2010, p. 112) sugere que a ausência de uma narrativa feminina na memória oficial do Brasil sobre a Guerra do Paraguai reflete o silenciamento histórico imposto às mulheres.

A participação feminina na Guerra do Paraguai foi vasta e diversificada, abarcando desde as linhas de frente até o apoio logístico e a reconstrução no pós-guerra. Embora muitas vezes negligenciadas pela historiografia tradicional, as mulheres desempenharam um papel central no conflito e suas consequências. Graças a estudos como o de Hilda Flores (2010), começamos a reconhecer o papel das mulheres na guerra, revelando como elas foram essenciais para a resistência e sobrevivência tanto no Brasil quanto no Paraguai.

O reconhecimento contemporâneo da contribuição das mulheres à Guerra do Paraguai faz parte de um esforço maior de revisão historiográfica, que busca trazer à tona vozes antes marginalizadas. Essa releitura não apenas restitui às mulheres o protagonismo histórico que lhes foi negado, mas também enriquece nossa compreensão dos impactos sociais e culturais de um conflito que atravessou fronteiras geográficas e de gênero.

Literatura: uma revisão histórica

Adentrando nas interpretações dadas por meio da literatura, Geovana Quinalha de Oliveira e Ana Paula Squinelo (2023) trouxeram um novo ponto de vista acerca da participação feminina na Guerra do Paraguai (1864-1870), por meio do livro *Cunhataí: um romance da Guerra do Paraguai* de Maria Filomena Bouissou Lepecki (2003). Nas palavras das autoras:

As personagens da narrativa, como Micaela, Ana Preta e Madrinha, trazem inscrições de marcadores sociais da (in)diferença, a exemplo de gênero, classe,

raça/etnia, religião, escolarização, lugar e epistemologia que merecem debate, sobretudo em tempos de retorno a discursos fundamentalistas, sexistas e preconceituosos (Oliveira; Squinelo, 2023, p. 02).

Seguindo com suas análises, as autoras deixam evidente que usar a literatura é uma ferramenta que possibilita resgatar parte dessa história que fora invisibilizada. Oliveira e Squinelo (2023) citam Maria Teresa Dourado (2005) para rememorar que sobre o episódio da guerra, o material que vem sendo produzido gira em torno de interpretações masculinas (que também são escritas por homens) e que relegam as mulheres ao esquecimento. O romance em questão, retoma uma parte não levada em consideração: de mulheres oprimidas e hostilizadas no espaço bélico.

Para dar continuidade aos argumentos, elas propõem uma série de questionamentos:

“[...] ao lado desses homens não havia mulheres? Mulheres não lutaram na Guerra? Mulheres não cuidavam de seus filhos e entes queridos? Os militares e soldados que marcharam para o teatro de operações o fizeram sozinhos? Essas mulheres não levavam seus filhos e filhas? Não tinham seus filhos nos campos de batalha? Onde estavam as crianças que acompanhavam os exércitos ou mesmo que nasceram em meio ao teatro de operações?” (Oliveira; Squinelo, 2023, p. 03).

Partindo dessas interrogações, a discussão pode se ampliar, pois as mulheres estavam presentes nas linhas de frente da guerra, por meio do romance analisado, a presença de personagens principais (Micaela, Madrinha e Ana Preta) com essas atribuições permitem que se possa trazer esses apontamentos.

Dentro da explanação do livro, existem dois momentos que constroem sua narrativa, o primeiro deles se refere ao encontro de duas amigas (Rosália e Carolina), esse plano é interrompido para dar lugar ao segundo momento. Já esse segundo plano, é composto por um regresso ao passado em que Carolina narra a sua amiga sobre uma terceira mulher (Micaela) que participou da Guerra Guasú (nome paraguaio dado ao confronto) e, também, de outras mulheres que lá estiveram. Com essa ferramenta de narrativa o livro *Cunhataí: um romance da Guerra do Paraguai*, movimenta questionamentos a história considerada oficial sobre o conflito, acerca dessas mulheres que foram preteridas.

Com essa provocação feita, as autoras salientam que essa narrativa já consolidada vem sendo repensada por meio de estudiosos, tanto brasileiros, quanto paraguaios, no decorrer dos séculos XX e XXI. Para exemplificar tais estudos, Oliveira e Squinelo (2023) citam duas pesquisadoras, Ana Barreto Valinotti (2011; 2013; 2020) e Bárbara Potthast-Jufkeit (1996;

2006), cujos estudos enfocam na ampla participação feminina na sociedade paraguaia e guarani desde a independência e, também sobre seu papel no pós-guerra. As autoras sintetizam que de “uma forma geral, na história paraguaia sobre as mulheres na Guerra, comumente se identifica dois grupos: as residentes e as destinadas que, em sua maioria, pertenciam às elites locais” (Oliveira; Squinelo, 2023, p. 08). Nesse cenário, as que se dedicam à causa patriótica de Solano López, eram consideradas exemplares, já as denominadas de “destinadas” eram levadas aos campos de concentração e obrigadas a trabalhar em lavouras sem ferramentas adequadas.

Retomando a obra analisada, as autoras enfatizam que o espaço ocupado pelas personagens na narrativa deve ser observado por lentes que trazem os acontecimentos da realidade das opressões sofridas pelas mulheres que estiveram presentes no conflito. Sendo assim, se tem a presença do colonialismo de gênero que fomentam uma discussão urgente sobre as opressões/violências sofridas pelas que estavam presentes nesse espaço. Nesse caso, quando as personagens Ana e Micaela formam uma amizade, elas saem de suas próprias fronteiras dando espaço para suas vozes internas, mesmo em um contexto bélico como esse. Segundo as autoras, para além da presença feminina preterida, também houve a participação de pobres, escravizados e indígenas, então o regresso a essas temáticas por novas óticas seria uma maneira de suprir essas e outras lacunas deixadas para trás.

Então com o intuito de também preencher essas lacunas, Alberto Moby Ribeiro da Silva (1998) busca investigar presenças femininas na Guerra do Paraguai, principalmente no que tange a sua participação singular nos primeiros anos do pós-guerra. Uma vez que houve uma transição governamental entre o autoritarismo para a proposta liberal de Regeneración. Nesse contexto, as mulheres eram tidas como heroínas durante o período da guerra, teriam que se voltar ao âmbito privado e submisso de suas casas, para que caibam na nova ordem liberal paraguaia. Sendo assim, os vestígios guaranis por elas mantido, deveria ser execrado da sociedade. Nesse ponto, pode-se aferir, que a lacuna documental existente também advém desse segundo momento do pós conflito, a participação dessas mulheres foi exprimida e retirada de protagonismo.

Para sua análise Silva (1998, p. 05) escolhe a classe que ele denomina de “gente baixa”. Segundo o autor essa parte da sociedade seria o elo mais fraco e dentro desse grupo que se encontrariam as mulheres por ele resgatadas à memória. Tal classe de mulheres no período imediatamente posterior à guerra, era o mais numeroso da sociedade, possuindo uma certa importância na vida econômico-social, dessa participação o autor trouxe outros questionamentos sobre o papel materno, doméstico e que fora silenciado pela sociedade. Para

trazer embasamento ao seu ponto de vista o autor cita Thompson (1994) que salienta que na sociedade como um todo, as mulheres nunca foram tidas como protagonistas da vida político-econômica. Citando o autor:

Pretendo que os méritos deste trabalho se os houver estejam centrados nos resultados dessa luta no campo simbólico no Paraguai do pós-guerra, particularmente entre os "regeneradores" e as mulheres da "classe baixa" (Silva, 1998, p. 09).

O escopo da discussão gira em torno da questão linguística, ou seja, o castelhano (colonizador) e o guarani (indígena). No contexto do país, essa questão se forma de maneira protagonista, uma vez que a língua dos povos originários era vista como menos sofisticada pelos espanhóis, justamente por sua tradição oral. Do modo como as mulheres eram mais numerosas e elas detinham esses conhecimentos, preservando-os. Silva (1995) argumenta que no decorrer do século XVII, durante a formação da sociedade paraguaia, elas possuíam um importante papel na formação familiar, pois havia um contexto de poligamia generalizada e tal prática fomentou uma mestiçagem em massa. Cabia a essas mulheres o sustento de sua casa, bem como todo o cuidado com a educação de seus filhos, o papel dos genitores era em suma o biológico. Outra prática que permeava essa discussão era a exogamia (entre pessoas não aparentadas/de diferentes tribos), que para o autor:

Através do intercâmbio de mulheres, os *tovaja* se comprometiam a se apoiarem e se socorrerem mutuamente. Aliás, apenas através do estabelecimento de relações de parentesco era possível se obter, entre as sociedades indígenas da floresta tropical, garantias para a estabilidade de uma aliança interfamiliar ou interétnica (Silva, 1998, p.110).

Então, devido a esse cenário, a mulher paraguaia pode ser tida como uma agente que mantém e carrega sua tradição e cultura guarani. A manutenção do idioma guarani se deu exclusivamente nessas circunstâncias, mesmo que a língua sofresse mutações em contato com o colonizador por vias de imposição/opressão, até mesmo os espanhóis se tornaram usuários dessa “nova” versão do idioma no século XVII. Dada a conjuntura política dos “regeneradores”, a contribuição do guarani não era bem vista para a colaboração da construção da identidade paraguaia de nação. A língua em si não define toda uma cultura, ela propaga uma bagagem cultural, uma vez que possui suas próprias singularidades, suas regras e características que delineiam a natureza de sua extensão. Sendo assim a “língua e a cultura que a contém formam

um todo indissolúvel, fundidas ambas pelas interpretações e com funções, que se unem em modos dinâmicos que se estendem numa afinidade equilibrada” (Silva, 1998, p. 116).

Por outro lado, não se pode esquecer das mulheres comuns, as que não estão presentes em registros policiais. Foi a atribuição e a aceitação dos papéis sociais domésticos exclusivos das mulheres que contribuíram para as contradições que levaram à preservação da cultura guarani-paraguaia. É no âmago do interior e na informalidade da família que ocorrem as maiores vitórias na luta contra a nova ordem imposta pela regeneración. Silva (1998) cita Michelle Perrot, que acreditava que em uma sociedade dominada pelo poder masculino global, as mulheres poderiam pelo menos exercer algum poder possível. As mulheres do século XIX, e certamente as mulheres de todos os tempos, não eram apenas vítimas ou sujeitos passivos. Havia momentos em que usavam os espaços e tarefas deixados ou delegados a eles para criar forças contrárias que podem subverter papéis visíveis.

Com seu texto o autor quis passar historicamente que as mulheres obtiveram um papel significativo e relevante na sociedade do Paraguai, principalmente ao assumir funções significativas nos âmbitos econômico e social (mas ainda longe dos espaços políticos). Os “regeneradores” desconsideravam suas contribuições, uma vez que buscavam um modelo de mulher ideal e que fosse, acima de tudo, um agente social passivo. No silenciamento dessa mulher paraguaia, havia uma história de preservação e resistência de sua ancestralidade guarani, não recaindo a elas o papel de permissividade.

Considerações finais

Foi durante o ano de 1864 que Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil se envolveram na Guerra do Paraguai, conflito que durou cerca de cinco anos. Em um contexto geral pode-se aferir que a participação feminina foi pouco documentada, poucos exemplos como Ana Néri e Elisa Lynch (esposa de Francisco Solano López) conseguiram alcançar algum destaque ou prestígio. Segundo Maristela Rocha e Silvio Reis de Almeida Magalhães (2022), em primeiro de maio de 1865 que o Tratado da Tríplice Aliança foi assinado por Argentina, Brasil e Uruguai (em Buenos Aires). O seu objetivo era o de alinhar as estratégias que cada país abordaria perante o conflito, mas a documentação do mesmo não era uma prioridade em nenhum dos dois lados. Principalmente no que tange a participação feminina, no caso brasileiro a situação presente no exército era precária e com poucas condições de sobrevivência.

Dentro das documentações existentes, em território brasileiros, a participação feminina pode ser resumida, segundo os autores a:

As mulheres, impulsionadas pela campanha difundida também nos impressos brasileiros daquele tempo, aderiram ao embate das mais variadas formas e por diferentes motivações. Algumas patriotas atuaram indiretamente, bordando bandeiras; outras, mais diretamente, vestiram-se com hábito de freiras para cuidarem dos feridos, mas de forma precária e quase intuitiva (Rocha; Magalhães, 2022, p. 141).

Dado esse cenário, haveria uma participação feminina na guerra, desde que em posições de submissão que reforçassem a ordem masculina simbólica, ou seja, desde que respeitassem a vida privada. Para além dessa situação inicial, era comum que as mulheres perdessem seus nomes ou apenas ficassem conhecidas por algum apelido, descaracterizando-as e dificultando as pesquisas nesses registros posteriormente. Já nas classes inferiores, segundo Rocha e Magalhães (2022) não era incomum que houvesse uma maior participação feminina em algumas áreas da vida pública, uma vez que as mesmas tinham uma necessidade de trabalhar para que sustentassem a si próprias ou a suas famílias. O perfil feminino não era homogêneo, não cabendo apenas nos padrões que se buscava impor a elas, mas o perfil que foi mais buscado certamente era o que priorizava “mulheres das camadas populares, de cor negra, origem estrangeira ou afrodescendente, sem capital financeiro e social” (Rocha; Magalhães, 2022, p. 146).

Em suma, as mulheres tiveram sim uma participação efetiva na Guerra do Paraguai, tanto nos bastidores quanto nas linhas de frente. No contorno traçado pela história “oficial” é possível notar uma dicotomia entre os dois perfis presentes no episódio histórico, por um lado buscava-se um modelo de submissão que era reforçado por atos de violência simbólica/opressão. Já pelo outro lado, as mulheres de origem periférica, foram invisibilizadas, preteridas ou apagadas dos registros, sendo assim desqualificadas de terem sua história contada. Nas palavras dos autores:

As mulheres das classes subalternas padeceram, então, pela carência de infraestrutura e pelas mais cruéis espécies de tortura nos dois lados do conflito. De caráter também notavelmente grave foi o fato de os países não contarem, na íntegra, com combatentes profissionais, mas um exército repleto de escravos, indígenas, crianças e pessoas sem o devido preparo, embora em busca de melhoria de vida [...] eram os "Voluntários da Pátria" (Rocha; Magalhães, 2022, p. 150).

Há uma lacuna histórica e documental desse conflito, algumas datações e informações sobre a participação feminina, não podem (por enquanto) ser dadas de maneira precisa. O uso da literatura, então, se mostra uma alternativa viável para que haja uma maior compreensão do

conflito em si e da presença de mulheres e sua atuação no transcorrer do mesmo. “Para a maioria das mulheres que contribuíram para os esforços em prol da guerra, direta ou indiretamente, para as que pouco acreditavam e esperavam do Imperador, ou para as que, enlutadas, muito ansiavam por alguma ajuda governamental, a desilusão foi o que restou após a guerra” (Rocha; Magalhães, 2022, p. 151). E para que essa história possa ser contada, ainda existem lacunas a serem preenchidas por meio da pesquisa acadêmica. Sendo assim, uso da literatura (como na obra *Cunhataí: um romance da Guerra do Paraguai*) se mostra como uma importante ferramenta para a reinterpretação desse conflito, pois mesmo partindo de cenários oriundos de um romance ficcional, ao usar o conflito como plano de fundo, a permanência de certas visões pode ser questionada e as vozes (até então silenciadas) ganham um novo contorno/espço historiográfico.

Dentro desse escopo, pode-se aferir também o modo como os estudos históricos sobre o gênero (ou história das mulheres), ampliaram a compreensão da real participação feminina dentro dos acontecimentos históricos, como a Guerra do Paraguai. De acordo com Soihet (1998, p. 77), foi a partir da segunda onda do feminismo já entrando na década de 1970 que houve “um fértil intercâmbio, alçando-se as mulheres à condição de objeto e sujeito da história”. Seguindo essa argumentação, o entendimento da mulher enquanto sujeito histórico, foi um processo (ainda em andamento) que se deu de maneira tardia, então quando a “história oficial” não as considerava relevante o suficiente para que elas fossem inseridas nas documentações de cunho formalizado. Assim sendo, o uso de fontes como a literatura, pode (e deve) trazer luz às lacunas historiográficas ainda existentes, como no caso da presente temática que se mostra, até o presente momento, como um vasto campo para ser desbravado.

Fontes:

LEPECKI, M. F. B. *Cunhataí: um romance da guerra do Paraguai*. Entrelinhas Editora, 2023.

Referências Bibliográficas:

CHIAVENATTO, J. J. *Genocídio americano: a guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FLORES, H. A. H. *Mulheres na guerra do Paraguai*. EDIPUCRS, 2010.

MOTA, C. G. História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864-1870) 130 anos depois. *Estudos Avançados*, v. 9, 1995, p. 243-254.

OLIVEIRA, G. Q. de; SQUINELO, A. P. Guerras, invisibilização, protagonismo e resistência feminina no romance Cunhataí. *Revista Estudos Feministas*, v. 31, n. 1, p. e 83497, 2023.

ROCHA, M.; MAGALHÃES, S. R. de A. Mulheres na Guerra do Paraguai, os dois lados da moeda: as “voluntárias” e a “imperatriz” da América Latina. In: ALMEIDA, F. A. de (org.). *Educação, Música E Artes: contribuições e desafios no contexto escolar*. Editora Científica Digital, 2022, p. 134-152.

SCOTT, J. W. *Gênero e a Política da História*. Nova York: Columbia UP, 1988.

SILVA, A. M. R. da. *A noite das "Kygua Vera": a mulher e a reconstrução da identidade nacional paraguaia após a Guerra da Tríplice Aliança (1867-1904)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

SOIHET, R. História das mulheres e história de gênero: um depoimento. *cadernos pagu*, n. 11, 1998, p. 77-87.

WHIGHAM, T. L. *The Paraguayan War: causes and early conduct*. University of Calgary Press, 2018.